

# Politicamente incorreto: será o mundo dos políglotas?

## III Colóquio Internacional de Línguas Estrangeiras (III CILE)

Data: 30-31 outubro 2019

Organização: Departamento de Línguas Estrangeiras, ESE-IPB

Local: Escola Superior de Educação Instituto Politécnico de Bragança

Ao longo da história, várias línguas se assumiram como *lingua franca* pela conquista, pelo comércio e pela conversão religiosa (cf. Ostler, 2011), inevitavelmente associadas à construção de impérios. Vejam-se os exemplos do grego, latim, português, espanhol, alemão, francês e inglês. Tal evidência resultou numa uniformização linguística, cultural e política, ainda que a par destas coexistissem as línguas vernáculas.

A valorização das culturas nacionais, sob os auspícios do pluralismo cultural herderiano, ganhou novo fôlego com a recuperação de tradições e costumes, literatura tradicional (cf. *Contos* dos Irmãos Grimm, o *Romanceiro* de Almeida Garret, *Rimas y leyendas* de Gustavo Adolfo Bécquer ou *os Cuentos de Encantamiento* de Fernán Caballero) e variedades linguísticas consideradas exóticas. No entanto, e paradoxalmente, nasce também a noção de norma padrão ou de prestígio que faz parte do discurso das nações em processo de afirmação, ou seja, se por um lado se defendem as peculiaridades linguísticas, por outro, procura-se abafá-las para que estas sejam substituídas pelas línguas nacionais em emergência. Com o desenvolvimento do método comparativo e a descoberta das famílias das línguas (com base no seu parentesco), impõe-se também um processo de prescritivismo linguístico que só se vai paulatinamente desconstruindo durante o século XX.

Com base nestes novos princípios, começa a falar-se de línguas de prestígio (ou prestigiadas) a par de línguas minoritárias (ou minorizadas) social ou culturalmente, criando-se estigmas linguísticos que pouco favorecem o convívio transcultural e translinguístico. O prestígio inerente a determinadas variedades em nada se relaciona com categorias morais ou éticas, mas antes com a ideologia de que destas emana. No contexto atual, o inglês, como uma das últimas *lingua franca*,

impõe-se nas organizações internacionais e multinacionais como a ponte linguística preferencial, senão mesmo a única. O uso de uma língua única leva-nos a questionar se esta postura não será politicamente incorreta, demasiado redutora de uma realidade por natureza multilinguística. Nesta linha de pensamento, apresentamos o desafio de contrariar esta tendência monolingüística e uniformizadora, valorizando também todas as línguas e culturas sem preconceitos.

Esta será a premissa principal que irá nortear o debate do **III CILE**, uma vez que acreditamos que a aprendizagem de uma panóplia de línguas estrangeiras pode abrir portas ao diálogo, ultrapassar fronteiras e enriquecer culturas. No mundo atual, que afirma fronteiras e reafirma identidades para ultrapassar a desconexão e a incomunicabilidade, acreditamos no poliglotismo natural dos espaços transfronteiriços, no cosmopolitismo cultural secular e na porosidade dos mesmos. Atualmente, já não basta falar uma só língua estrangeira, a globalização, a “desterritorialização”, a “deslocação” das migrações, da diáspora e do exílio exigem que sejamos políglotas capazes de nos exprimirmos para estabelecer relações interculturais e, como afirma Edward Said, cultivar a percepção da diversidade em termos de diferentes mundos e tradições (Said, 2007). Os benefícios do multilinguismo são enormes para nos auxiliar a ultrapassar o fosso linguístico entre culturas. A língua deixa de ser pátria porque todas elas serão meramente temporárias (Said, 1996). Atravessar fronteiras leva a romper barreiras de pensamento e de experiência, levando-nos a despertar para uma aprendizagem plural de línguas, para a reconquista da Torre de Babel.

Propõem-se assim os seguintes temas e tópicos de interesse para discussão, além de outros igualmente pertinentes:

- As línguas estrangeiras como exclusão vs. inclusão nas migrações
- Os escritores políglotas
- As línguas minorizadas vs. línguas prestigiadas
- A força das línguas mortas
- As línguas francas na história
- Monolingüismo vs. Plurilingüismo
- LE/cultura, memória e identidade
- Tradução e ensino das LE

### **Prazos e outras informações:**

- **8 de março:** prazo final para a receção de propostas
- **9 de março:** 2.<sup>a</sup> chamada
- **29 de março:** fecho da 2.<sup>a</sup> chamada
- **30 de abril:** notificação dos autores, incluindo aqueles que não queiram submeter artigo para publicação
- **15 de junho:** entrega dos artigos para o processo de dupla revisão cega
- **31 de julho:** notificação dos autores para correções finais dos artigos
- **15 de setembro:** entrega final dos artigos
- A publicação dos trabalhos selecionados será realizada em formato de atas, disponibilizadas em linha, com a atribuição de ISBN.
- Aceitam-se um máximo de 2 trabalhos por autor, seja individual, seja em conjunto
- Informações através do email: [cile@ipb.pt](mailto:cile@ipb.pt)
- Página web do evento: <http://cile.ipb.pt/>
- Plataforma de submissão de resumos: <http://conferencias.esse.ipb.pt/>

### **Inscrições (inclui pausas para café, atas dos anteriores colóquios e publicação das atas do III CILE):**

- Inscrição membros da APEF e da ReCLes.pt: 60€
- Inscrição membros da APEF e da ReCLes.pt após 20 de setembro ou no próprio CILE: 80€
- **Inscrição “early bird” até 20 de Setembro 2019: 80€**
- **Inscrição após 20 de setembro ou no próprio CILE: 100€**
- Inscrição dos alunos do IPB: 20€

### **Comissão Organizadora ESE-IPB:**

- Alexia Dotras Bravo
- Ana Maria Alves
- Cláudia Martins
- Dominique Guillemain
- Elisabete Mendes Silva
- Isabel Chumbo

### **Comissão Científica:**

(em construção)

**Apoios:** APEF E ReCLes.pt

# Politiquement incorrect: le monde appartient-il aux polyglottes?

## III Colloque International des Langues Étrangères (III CILE)

Date: 30-31 octobre 2019

Organisation: Département des Langues Étrangères, ESE-IPB

Lieu: École Supérieure d'Éducation Institut Polytechnique de Bragança

Au long de l'histoire, plusieurs langues se sont assumées comme *lingua franca* par la conquête, le commerce et la conversion religieuse (cf. Ostler, 2011), inévitablement associées à la construction d'empires. Il suffit de penser au cas du grec, du latin, du portugais, de l'espagnol, de l'allemand, du français et, plus récemment, de l'anglais. Une des conséquences les plus frappantes a été une certaine uniformisation linguistique, culturelle et politique, malgré l'existence des langues vernaculaires.

La valorisation des cultures nationales, sous les auspices du pluralisme culturel hérité, a gagné un nouveau souffle avec la récupération des traditions et coutumes, la littérature traditionnelle (cf. les *Contes* des Frères Grimm, les *Romans* d'Almeida Garret, *Rimas y leyendas* de Gustavo Adolfo Bécquer ou *os Cuentos de Encantamiento* de Fernán Caballero) et les variétés linguistiques considérées exotiques. Cependant, et paradoxalement, apparaît également la notion de norme modèle ou de prestige qui s'identifie aux discours des nations en processus d'affirmation, c'est-à-dire, si d'un côté on défend les particularités linguistiques, d'un autre côté on les étouffe pour qu'elles soient remplacées par des langues nationales qui émergent. Avec le développement de la méthode comparative et la découverte des familles de langues (en se basant sur leur parenté) s'impose également un procédé de prescription linguistique qui s'est déconstruit peu à peu durant le XX<sup>e</sup> siècle.

En se basant sur ces nouveaux principes, on commence à parler de langues de prestige (ou prestigieuses) au côté de langues minoritaires (ou mineures) socialement ou culturellement, créant des stigmates linguistiques qui favorisent peu la convivialité transculturelle et translinguistique. Le prestige inhérent à certaines variétés n'a aucune relation avec des catégories morales ou éthiques mais plutôt

avec l'idéologie qui en résulte. Dans le contexte actuel, l'anglais, étant une des dernières *lingua franca*, s'impose dans les organisations internationales et multinationales comme le pont linguistique de préférence, étant même souvent l'unique. L'utilisation d'une langue unique nous conduit à nous demander si cette posture ne serait pas politiquement incorrecte, trop réductrice d'une réalité par nature multilinguistique. Dans cette ligne de pensée, nous aimerions nous interroger sur cette tendance monolinguisque et uniformatrice contrariant l'idée d'un monde global de toutes les langues et de toutes les cultures.

Cette idée sera la prémisse principale qui conduira le débat du **III CILE**, idée qui entend également que l'apprentissage d'une variété de langues étrangères peut ouvrir la porte au dialogue, dépasser les frontières et enrichir les cultures.

Dans le monde actuel qui affirme les frontières et réaffirme les identités pour dépasser la déconnexion et l'incommunicabilité, nous croyons au polyglottisme naturel des espaces frontaliers, au cosmopolisme culturel séculier et à leur porosité. Actuellement, il ne suffit plus de parler d'une seule langue étrangère, la globalisation, la "déterritorialisation", le déplacement des migrations, de la diaspora et l'exil exigent que nous soyons des polyglottes capables de nous exprimer pour établir des relations interculturelles et, comme l'affirme Edward Said, cultiver la « perception de mondes multiples et de traditions complexes » (Said 2007, p. 101). Les bénéfices du multilinguisme sont énormes pour nous aider à dépasser le fossé linguistique entre les cultures. La langue cesse d'être patrie parce que les patries sont toujours des « hôte[s] provisoire[s] » (Said 1996, p. 76). Traverser des frontières conduit à rompre des barrières de pensée et d'expérience, amenant à l'éveil pour un apprentissage pluriel des langues afin de reconquérir la Tour de Babel.

Les propositions s'inscriront dans les axes indicatifs suivants:

- Les langues étrangères comme exclusion vs. inclusion dans les migrations
- Les écrivains polyglottes
- Les langues mineures vs. langues prestigieuses
- La force des langues mortes
- Les langues franches dans l'histoire
- Monolinguisme vs. Plurilinguisme
- LE/culture, mémoire et identité

- Traduction et enseignement de la LE

#### **Calendrier et autres informations:**

- **8 mars:** date limite pour soumettre une proposition de communication
- **9 mars:** 2nd appel
- **29 mars:** date limite du 2nd appel
- **30 avril:** date limite pour la réponse du Comité d'Organisation
- **15 juin:** les démarches d'acceptation et de sélection d'articles sont fondées sur le système d'évaluation « à double aveugle »
- **31 juillet:** notification des auteurs pour les corrections finales des articles
- **15 septembre:** remise finale des articles
- La publication des travaux sélectionnés sera éditée dans un volume d'Actes avec attribution d'ISBN et diffusée en ligne.
- À noter qu'un *maximum* de 2 résumés scientifiques par auteur sera accepté, que ce soit individuellement ou collectivement
- Informations supplémentaires à l'adresse électronique suivante: [cile@ipb.pt](mailto:cile@ipb.pt)
- Page web de l'événement: <http://cile.ipb.pt/>
- Plateforme de soumission de résumés: <http://conferencias.esse.ipb.pt/>

#### **Inscription (un montant qui assure les pauses-café, les actes du colloque et la publication du III CILE):**

- Inscription membres de l'APEF et de la ReCLes.pt: 60€
- Inscription membres de l'APEF et de la ReCLes.pt après le 20 septembre ou le jour même du CILE: 80€
- **Inscription à tarif "early bird" jusqu'au 20 septembre 2019: 80€**
- **Inscription après le 20 septembre ou le jour même du CILE: 100€**
- Inscription des élèves de l'IPB: 20€

#### **Comité d'organisation :**

- Alexia Dotras Bravo
- Ana Maria Alves
- Cláudia Martins
- Dominique Guillemin
- Elisabete Mendes Silva
- Isabel Chumbo

#### **Comité Scientifique :**

(en construction)

**Avec le soutien de:** L'APEF (Association portugaise d'études françaises) et du ReCLes.pt (Association des Centres de Langues de l'Enseignement Supérieur au Portugal)

# Políticamente incorrecto: ¿será el mundo de los políglotas?

## III Coloquio Internacional de Lenguas Extranjeras (III CILE)

Fecha: 30-31 octubre 2019

Organización: Departamento de Lenguas Extranjeras, ESE-IPB

Lugar: Escola Superior de Educação Instituto Politécnico de Bragança

A lo largo de la historia, varias lenguas se asumieron como *lingua franca* por la conquista, por el comercio y por la conversión religiosa (cf. Ostler, 2011), inevitablemente asociadas a la construcción de imperios. Véanse los ejemplos del griego, latín, portugués, español, alemán, francés e inglés. Tal evidencia dio como resultado una uniformización lingüística, cultural y política, aunque al mismo tiempo coexistiesen las lenguas vernáculas.

La valorización de las culturas nacionales, bajo los auspicios del pluralismo cultural herderiano, ganó un nuevo aliento con la recuperación de tradiciones y costumbres, literatura tradicional (cf. *Cuentos* de los Hermanos Grimm, el *Romancero* de Almeida Garret, *Rimas y leyendas* de Gustavo Adolfo Bécquer o los *Cuentos de Encantamiento* de Fernán Caballero) y variedades lingüísticas consideradas exóticas. Sin embargo, y paradójicamente, nace también la noción de norma estándar o de prestigio que forma parte del discurso de las naciones en proceso de afirmación, o sea, si por un lado se defienden las peculiaridades lingüísticas, por otro, se intenta sofocarlas para que estas sean sustituidas por las lenguas nacionales emergentes. Con el desarrollo del método comparativo y el descubrimiento de las familias de lenguas (con base en su parentesco), se impone también un proceso de prescriptivismo lingüístico que solo se va paulatinamente deconstruyendo durante el siglo XX.

En función de estos nuevos principios, comienza a hablarse de lenguas de prestigio (o prestigiadas) al mismo tiempo de lenguas minoritarias (o minorizadas) social o culturalmente, creándose estigmas lingüísticos que poco favorecen a la convivencia transcultural y translingüístico. El prestigio inherente a determinadas variedades en nada se relaciona con categorías morales o éticas, sino más bien con la ideología que emana de estas. En el contexto actual, el inglés, como una de las últimas *lingua*

*franca*, se impone en las organizaciones internacionales y multinacionales no solo como el puente lingüístico preferente, sino incluso como el único. El uso de una lengua única nos lleva a cuestionarnos si esta postura no será políticamente incorrecta, demasiado reductora de una realidad por su propia naturaleza multilingüística. En esta línea de pensamiento, presentamos el reto de contrarrestar esta tendencia monolingüística y uniformizadora, valorando también todas las lenguas y culturas sin prejuicios.

Esta será la premisa principal que guiará el debate del **III CILE**, ya que creemos que el aprendizaje de un variedad de lenguas extranjeras puede abrir puertas al diálogo, superar fronteras y enriquecer culturas. En el mundo actual, que afirma fronteras y reafirma identidades para sobrepasar la desconexión y la incomunicabilidad, creemos en el poliglotismo natural de los espacios transfronterizos, en el cosmopolitismo cultural secular y en la porosidad de los mismos.

Actualmente, ya no basta hablar una sola lengua extranjera, la globalización, la “desterritorialización”, el “desplazamiento” de las migraciones, de la diáspora y del exilio exigen que seamos políglotas capaces de expresarnos para establecer relaciones interculturales y, como afirma Edward Said, cultivar la percepción de la diversidad en relación a los diferentes mundos y tradiciones (Said, 2007). Los beneficios del multilingüismo son enormes para auxiliarnos a superar el foso lingüístico entre culturas. La lengua deja de ser patria porque todas ellas serán meramente temporales (Said, 2003). Atravesar fronteras lleva a romper barreras de pensamiento y de experiencias, llevándonos a despertarnos en un aprendizaje plural de lenguas, para la reconquista de la Torre de Babel.

Se proponen así los siguientes temas y tópicos de interés para la discusión, además de otros igualmente pertinentes:

- Las lenguas extranjeras como exclusión vs. inclusión en las migraciones
- Los escritores políglotas
- Las lenguas minorizadas vs. lenguas prestigiadas
- La fuerza de las lenguas muertas
- Las lenguas francas en la historia
- Monolingüismo vs. Plurilingüismo
- LE/cultura, memoria e identidad
- Traducción y enseñanza de LE



### Plazos y otras informaciones:

- **8 de marzo:** plazo final para la recepción de propuestas
- **9 de marzo:** 2.ª llamada
- **29 de marzo:** cierre de la 2.ª llamada
- **30 de abril:** notificación a los autores, incluyendo aquellos que no quieran someter artículo para publicación
- **15 de junio:** entrega de los artículos para el proceso de revisión por pares ciegos
- **31 de julio:** notificación de los autores para correcciones finales de los artículos
- **15 de setiembre:** entrega final de los artículos
- La publicación de los trabajos seleccionados será realizada em formato de actas, disponibilizadas em línea, con la atribución de ISBN.
- Se aceptan un máximo de 2 trabajos por autor, ya sea individual, ya sea en conjunto
- Informaciones a través del email: [cile@ipb.pt](mailto:cile@ipb.pt)
- Página web del evento: <http://cile.ipb.pt/>
- Plataforma de envíos de resúmenes: <http://conferencias.ese.ipb.pt/>

### Inscripciones (incluye pausas para café, actas de los CILES anteriores y publicación y actas del III CILE):

- Inscripción para miembros de la APEF y de ReCLes.pt: 60€
- Inscripción para miembros de la APEF y de ReCLes.pt después del 20 de septiembre o en el propio CILE: 80€
- **Inscripción “early bird” hasta el 20 de septiembre de 2019: 80€**
- **Inscripción después del 20 de septiembre o en el propio CILE: 100€**
- Inscripción de los alumnos del IPB: 20€

### Comisión Organizadora ESE-IPB:

- Alexia Dotras Bravo
- Ana Maria Alves
- Cláudia Martins
- Dominique Guillemin
- Elisabete Mendes Silva
- Isabel Chumbo

### Comisión Científica:

(en construcción)

**Apoios:** APEF e ReCLes.pt

# Politically incorrect: does the world belong to polyglots?

## 3rd International Conference of Foreign Languages (III CILE)

Date: 30-31 October 2019

Convener: Foreign Language Department, ESE-IPB

Venue: School of Education, Polytechnic Institute of Bragança, Portugal

Throughout history several languages have become lingua franca as a result of conquests, commerce or religious conversion (cf. Ostler, 2011), thus being inevitably associated with the building of empires. This happened with Greek, Latin, Portuguese, German, French and English, which has originated a linguistic, cultural and political uniformity, although other vernacular languages coexisted.

The value of national cultures, following Herder's ideas on cultural diversity, has gained momentum through the restoration of traditions and customs, traditional literature (cf. Grimm's *Fairy Tales*, Almeida Garrett's *Romanceiro*, Gustavo Adolfo Bécquer's *Rimas y Leyendas* or Fernán Caballero's *Cuentos de Encantamiento*) and language varieties which have been considered exotic. Conversely, the notion of standard or prestige becomes part of the discourse of several nations claiming sovereignty. This means that, on the one hand, linguistic peculiarities are defended, while, on the other, there is an attempt to silence them, in order to replace them for the emergent national languages. Through the development of the comparative method and the discovery of the language families (based on their relatedness), a process of linguistic prescriptivism is imposed, which will only be deconstructed throughout the 20<sup>th</sup> century.

Based on these new principles, there are mentions of social and cultural prestige languages and minority languages creating linguistic stigmas which do not favour the transcultural and translinguistic correlation.

The prestige inherent to certain varieties is not related to any moral or ethnic categories, but to the ideology they reflect. Presently, English, as one of the latest lingua franca, has imposed itself in international and multinational organisations as a preferential linguistic bridge, if not the only one. This sole use of a language leads

us to question whether this is a politically incorrect attitude, too downgrading of a reality which is, by nature, multilinguistic. Bearing this idea in mind, we would like to challenge this monolingualistic and uniform trend, as well as to value all languages and cultures with no prejudice.

This will be the main assumption for the **III CILE** debate, since we believe that learning a set of foreign languages will open doors, overcome borders and enrich cultures. In today's world, which asserts borders and reasserts identities to overcome both disconnection and incommunicability, we acknowledge the natural polyglotism of border regions, the century old cultural cosmopolitanism and their porosity.

Nowadays, it is not enough to master one foreign language. Globalization, deterritorialisation, the dislocation of migrations, from diaspora and exile, demand that we become polyglots able to express ourselves in order to establish intercultural relations. As Edward Said (2007) argues, it is fundamental to cultivate the perception of many worlds and their complex traditions. Benefits of multilingualism are paramount to enable us overcome the linguistic gap among cultures. The language is no longer the homeland because any homeland is only temporary (Said, 2003). Crossing borders breaks thought and experience barriers, leading us towards an awakening of plural language learning, thus the reconquest of the tower of Babel. As such, topics and themes of interest include, but are not restricted to, the following:

- Foreign languages as an exclusion vs inclusion factor in migrations
- Polyglot writers
- Minority languages vs prestige languages
- The strength of dead languages
- *Lingua Franca* throughout history
- Monolingualism vs. Plurilingualism
- FL/culture, memory and identity
- Translation and FL teaching

### **Deadlines and other information:**

- **8<sup>th</sup> March:** final deadline for 1<sup>st</sup> submission
- **9<sup>th</sup> March:** 2<sup>nd</sup> call
- **29<sup>th</sup> March:** deadline for 2<sup>nd</sup> call
- **30<sup>th</sup> April:** authors' notification, including those who do not wish to publish their paper
- **15<sup>th</sup> June:** submission of full articles for the double-blind peer review process
- **31<sup>st</sup> July:** authors' submission after the review process
- **15<sup>th</sup> September:** final version paper submission
- The publication of the selected papers will be done in the form of online Proceedings with ISBN.
- A maximum of 2 papers per author will be accepted, either individually or in group
- Information through the e-mail: [cile@ipb.pt](mailto:cile@ipb.pt)
- Webpage of the event: <http://cile.ipb.pt/>
- Platform for the submission of abstracts: <http://conferencias.es.e.ipb.pt/>

### **Registration (including coffee breaks, previous proceedings and the publication in the proceedings for III CILE):**

- Early bird registration APEF and ReCLes.pt members: 60€
- Registration for APEF and ReCLes.pt members after 2<sup>nd</sup> September or at the conference: 80€
- **Early bird registration until 20<sup>th</sup> September: 80€**
- **Registration after 20<sup>th</sup> September or at the Conference: 100€**
- Registration for IPB students: 20€

### **Organising Committee ESE-IPB:**

- Alexia Dotras Bravo
- Ana Maria Alves
- Cláudia Martins
- Dominique Guillemin
- Elisabete Mendes Silva
- Isabel Chumbo

### **Scientific Committee:**

(under construction)

**Supporting institutions:** APEF (Portuguese Association of French Studies) and ReCLes.pt (Network of Higher Education Language Centers in Portugal)